



GESTOS E HUMANIDADES ENTRE A PALAVRA E O PALCO

“O teatro é a arte de ver a nós mesmos, a arte de tornar visível o invisível, de pôr em cena aquilo que muitas vezes se oculta sob o verniz das palavras cotidianas.”

— Peter Brook, em *"O Espaço Vazio"*

O convite para organizarmos um dossiê temático em torno do teatro e das humanidades nos honrou muito. Principalmente porque nós dois temos desenvolvido pesquisas nessa área com nossos estudantes da graduação e da pós-graduação. Partindo do princípio de que todo teatro é um ato político por natureza, uma vez que necessita da coletividade para melhor se realizar, conversamos com estudantes e colegas buscando ouvi-los em suas inquietações. Dessa maneira, sentimo-nos muito envolvidos com a ideia de compor esta edição correspondente ao v. 1 n. 12, 2025 desta Revista. Cremos que, como uma instituição dedicada a reflexões em torno das Humanidades, a ASLE Brasil se mostra muito atenta ao tematizar um número de sua revista com uma manifestação artística que tanto tem contribuído para a construção de um mundo mais justo e mais crítico.

A força do teatro reside em sua capacidade única de condensar a vida em atos, gestos e palavras que ultrapassam o tempo e o espaço. Em sua essência, o teatro é uma forma de linguagem total — uma linguagem que convoca o corpo, a voz, a emoção e a inteligência para instaurar, no aqui e agora da cena, uma experiência sensível que desestabiliza, forma e transforma. Esta coletânea de artigos que agora se apresenta ao leitor nasce sob esta perspectiva: compreender o teatro não apenas como arte, mas como mecanismo pedagógico, como dispositivo de mediação para o conhecimento, a leitura e para a crítica do mundo.

Na contemporaneidade, em que os discursos e as práticas pedagógicas têm buscado alternativas às metodologias convencionais de ensino, o teatro emerge como um aliado potente. Não se trata apenas de sua função estética ou de entretenimento, mas de seu lugar no desenvolvimento da consciência crítica, na ampliação do repertório simbólico e na construção de subjetividades. Como defende Augusto Boal,



o teatro pode ser “ensaio da revolução”, pois não imita a realidade de forma passiva, mas a interroga e a reinventa.

Dramaturgos como Osman Lins já sinalizavam, desde o século XX, a importância do teatro como linguagem interdisciplinar. Em sua peça *Lisbela e o prisioneiro*, Lins articula elementos do cotidiano nordestino com uma construção dramatúrgica sensível à cultura popular, à tradição oral e à complexidade humana. Ao transpor suas narrativas para a cena, propôs uma via de diálogo entre literatura e performance, revelando as potências do texto quando deslocado do papel para o corpo.

Nelson Rodrigues, por sua vez, com sua contundente “tragédia carioca”, como ele próprio classificava suas obras, ofereceu ao teatro brasileiro a radicalidade daquilo que se oculta sob a moral burguesa. Sua dramaturgia desnuda a hipocrisia, a culpa e os interditos sociais, e sua presença nos espaços pedagógicos tem potencial para provocar reflexões sobre identidade, desejo, repressão e liberdade — temas fundamentais para a formação ética e crítica de estudantes, por exemplo.

Esta coletânea, fruto das provocações literárias e dramáticas no nosso exercício docente, reúne reflexões que têm como eixo central o teatro, em diálogo com a literatura, a história, a linguagem ou com as relações humanas. Os artigos aqui presentes exploram a riqueza da cena como espaço de aprendizagem sensível, onde o sujeito-leitor-spectador se vê convocado a atuar, interpretar, ressignificar.

Importa, nesse processo, reconhecer a relevância das adaptações teatrais de outros gêneros literários, como o conto, para o desenvolvimento do letramento literário. A transposição de contos para o palco exige dos envolvidos — sejam estudantes, professores ou artistas — um mergulho profundo nos elementos estruturantes da narrativa: conflito, personagem, tempo, espaço e linguagem. Tal exercício promove uma leitura ativa, crítica e criativa, pois, parafraseando Patrice Pavis, a adaptação é um gesto de leitura que transforma. Quando se adapta um conto, uma novela ou mesmo um romance para o teatro, exige-se mais do que compreensão: exige-se interpretação, síntese, recriação.

A leitura dramatizada, a encenação de textos narrativos e a escrita dramatúrgica inspirada em contos, memórias ou crônicas não apenas estimulam a formação de leitores e leitoras, como também fortalecem o vínculo entre palavra e ação, pensamento e corpo. A experiência teatral, nesse sentido, contribui para o



desenvolvimento da empatia, da escuta ativa e da cooperação — habilidades tão urgentes em nossos tempos.

Sob as referidas perspectivas, este número da Revista RILE se oferece como instrumento de diálogo entre as práticas artísticas e as práticas pedagógicas. Cada artigo aqui contido é um convite à cena — à cena do pensamento, à cena da aprendizagem, à cena da criação. Que ele sirva, pois, como provocação e como guia; como testemunho e como possibilidade. Afinal, como escreveu Ariane Mnouchkine, “o teatro não é o país do real, é o país do verdadeiro”. Que este país continue a ser visitado, encenado e reinventado nas salas de aula, nos palcos, nas comunidades e, sobretudo, nas consciências.

Nesse sentido, o primeiro artigo desta edição especial – *Do poema dramático simbolista ao teatro do absurdo: o navegar impreciso de Fernando Pessoa em “O marinheiro”* – traz à luz uma produção do dramaturgo Fernando Pessoa, de quem se destaca normalmente a produção poemática. Com sensibilidade e argúcia, Glauco Cunha Cazé, que é um ator admirável, destaca a pouco conhecida produção dramatúrgica do Pessoa que presenteia o mundo com seus heterônimos – máscaras teatralmente poéticas. A dramaturgia de *O marinheiro* expõe reflexões sobre a infância, sobre sonhos, sobre angústias e esperanças; sobre vida e morte.

No segundo artigo, *Revelações do inconsciente: um estudo sobre “A valsa nº 6”, de Nelson Rodrigues*, Luiz Felipe de Andrade e Thalita Taveira abordam um tema que tem incomodado muito neste início de século: infortúnios da saúde mental. A partir do teatro rodrigueano, os autores propõem a análise da personagem Sônia, em seu período de transição: infância – fase adulta. Assim, a leitura realizada dessa personagem adolescente, bem como de lacunas responsáveis por um comportamento delirante se mostra com o propósito de abordagem no âmbito da saúde mental de tantas adolescentes que vivem, assim como Sônia, num ambiente provocador de uma problemática saúde mental.

Tomando como base o conceito bakhtiniano de carnavalização, Amanda Lucy dos Santos Costa e João Vianney Cavalcanti Nuto investigam um caminho de produção literária não muito comum: a transposição de uma peça de teatro para o gênero conto. Sob essa visão, em *“O Diabo na noite de Natal”: um olhar analítico*, encontram-se personagens folclóricos, cinematográficos, clássicos da literatura, personagens de contos de fadas e até da literatura sacra compondo uma memória cultural e literária de Osman Lins.



Preocupados com o letramento literário, os graduandos Abednego Correia da Silva, Alessandra Cordeiro de Vasconcelos e Karine Fernanda do Nascimento da Silva, sob a orientação da professora doutora Fabiana Câmara Furtado, também relacionaram conto e dramaturgia. No caso deles, a proposta de *O conto em movimento: a dramatização na promoção do letramento literário* é discutir uma metodologia para o ensino de literatura no ensino médio, unindo o gênero conto à dramatização.

Examinando como a canção-título *The Phantom of the Opera*, de Andrew Lloyd Webber, trabalha elementos de um clássico literário sob a forma de um código performático e de multimídia sem que percam densidades simbólicas do termo “fantasma”, Antônio Pereira Tavares Neto, Elaine Pereira Daróz e Isabela Barbosa do Rêgo Barros contribuem para este dossiê temático com o artigo *O signo linguístico e a ressonância metonímica do significante fantasma na música “The Phantom of the Opera”*.

No caso de *Mito, amor e teatralidade em “Saudade de Inês de Castro”, de Lucila Nogueira*, André Cervinskis, sob a orientação de Robson Teles Gomes, investiga a coletânea *Saudade de Inês de Castro*, organizada por Lucila Nogueira. Sob o olhar da teatralidade como dispositivo poético, o artigo defende a ideia de que cada poema de tal coletânea funciona como um ato cênico. Ademais, é proposta a concepção de que a voz de Inês de Castro é “assumida dramaticamente” por Lucila Nogueira, a qual constata a triste sina de desprezo, preconceito e assassinato de muitas mulheres na figura daquela que “virou rainha depois de morta”.

Na sequência, o artigo *Elena Moreno en la memoria de “La Pérgola de las Flores”*, Mario Moreno Rodríguez e Robson Teles Gomes apresentam a peça “La Pérgola de las Flores”, de Isidora Aguirre, como um importante registro de memória da cidade de Santiago de Chile no início do século XX, momento em que a cidade passa por uma transformação física para atender a interesses capitalistas: a construção da Avenida La Paz, que promoveu a demolição, em 1948, de um mercado de flores, espaço de encontro social e comercial. A peça estreou em 1960, conquistando um público diverso e provocando debates sobre o desenvolvimento de Santiago e a ideia de ela ser patrimônio sentimental dos chilenos.

O artigo “*Então você mentiu para eles*”: a denúncia do discurso político e performativo como instrumento à garantia do poder em *Wicked* é resultado das discussões de Camila Nogueira de Paiva Henriques e de Rosana Maria Teles Gomes.



O trabalho se ocupa em promover uma análise do enredo da obra teatral *Wicked*, tomando como material a adaptação publicada em 1995 por Gregory MaGuire e na qual este se propôs a explorar a origem do mal através da construção de um enredo focado na origem de Elphaba — mais conhecida como a Bruxa Má do Oeste —, vilã do clássico *O Mágico de Oz*.

Nessa mesma perspectiva de abordagem política, mas desta vez focando especificamente o público infantojuvenil, o artigo *Gestus social e multimodalidade em “Como se fora brincadeira-de-roda”*, de Robson Teles toma como base os escritos de Bertolt Brecht, com ênfase no conceito de *gestus social*. Os autores Graziela Almeida, Robson Teles Gomes e Thallys de Oliveira Rodrigues propõem uma discussão em que se ressalta a importância do teatro infantil crítico e participativo, fazendo uso do recurso de multimodalidade na encenação da peça “Como se fora brincadeira-de-roda”.

O tema “Teatro e Prisões” foi objeto de estudo de Robson Pinheiro da Silva. Sob a orientação de Elton Bruno Soares de Siqueira, com contribuições de Robson Teles Gomes, o artigo *Projeto Coringa/Alvará de Expressão: uma experiência entre teatro e sistema prisional* registra um projeto teatral desenvolvido em Pernambuco entre 1987 e 2003 como parte de uma política institucional do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). A proposta central desse projeto foi trabalhar não só a linguagem teatral com os apenados, mas também proporcionar a esse público o sentimento de dignidade que o teatro pode promover enquanto instrumento de educação e de transformação social, política e ideológica.

Por fim, as discussões se voltam para questões de teatro e acessibilidade, um direito que deve ser garantido a toda e qualquer sociedade. De início, o artigo *Teatro e acessibilidade comunicacional: uma perspectiva sócio-histórica da (in)acessibilidade do teatro à pessoa surda em razão das barreiras comunicacionais*, produzido por Camila Nogueira de Paiva Henriques e orientado por Maria Rita de Holanda Silva Oliveira, salienta a investigação do quadro jurídico e social das medidas para a devida inclusão de pessoas surdas na condição de espectadoras de montagens teatrais. Para tanto, as autoras tomam como ponto de partida um resgate histórico-social do tratamento conferido a esse grupo social desde a Antiguidade greco-romana até os dias de hoje.

Além desse artigo, destaca-se o relato de experiência de uma pessoa com deficiência visual e sua imersão em um espetáculo teatral. Sob a orientação de Flávia



Tavares da Costa Ramos, Gustavo Lopes da Silva relata a vivência que teve ao ir, pela primeira vez na vida, a um teatro. Em nenhum momento, a deficiência visual foi um obstáculo para a experiência de assistir ao espetáculo “Ave, guriatã!”, dirigido por José Manoel Sobrinho, o qual conduziu Gustavo na vivência multissensorial de tudo o que compunha o espetáculo: espaço, cenário, adereços, elenco, canções. Se o teatro é a casa de todos nós, quem ousará fechar as portas para esse ou para aquele grupo de cidadãos?

Todos os textos aqui organizados buscam, seja do palco para a plateia ou da plateia para o palco, construir, à sua maneira, cenas em que o protagonista seja a percepção crítica na construção de sociedades.

Os Editores,

Glauco Cunha Cazé

e

Robson Teles Gomes